

Mais uma grande peça sendo juntada ao quebra-cabeça de A Gênese: - Análise do artigo “Fotografia do Pensamento” - Revista Espírita de junho de 1868 - em comparação com os itens 13, 14 e 15 do Capítulo XIV das edições 1868 versus 1869 de A Gênese

Na Revue Spirite de junho de 1868, nas páginas 167 a 170 do original em francês, encontramos o artigo de Allan Kardec denominado Photographie de la pensée” - Fotografia do Pensamento.

Neste artigo de **junho de 1868** – esta data vai ser muito importante para entendermos as conclusões desta análise - Allan Kardec desenvolve estudos onde faz a ligação da fotografia do pensamento ao das criações fluídicas.

No primeiro parágrafo do artigo, Allan Kardec escreve: “Ligando-se o fenômeno da fotografia do pensamento ao das criações fluídicas, descrito em nosso livro A Gênese, no capítulo dos fluidos, **reproduzimos, para maior clareza, a passagem desse capítulo onde o assunto é tratado, e o completamos por novas observações**” (grifo nosso).

***Le phénomène de la photographie de la pensée se liant à celui des créations fluidiques, décrit dans notre livre de la Genèse au chapitre des fluides, pour plus de clarté nous reproduisons le passage de ce chapitre où ce sujet est traité, et nous le complétons par de nouvelles remarques.
Revue Spirite, Juin 1868: Photographie de la pensée***

Parte do conteúdo deste artigo já havia sido publicada nas primeiras edições, todas idênticas, do livro A Gênese. E, como informado por Kardec, ele reproduz as partes já publicadas e as completa com novas informações e pensamentos no desenvolvimento do referido artigo.

Vale a lembrança do que consta do último parágrafo de A Gênese, que é o mesmo nas quatro primeiras edições de 1868 e nas 5ª edições de 1869 e 1872: “Aliás, os leitores assíduos da Revista espírita já devem ter notado, sem dúvida sob a forma de esboços, a maioria das ideias desenvolvidas aqui nesta obra, conforme o fizemos com relação às anteriores” (A Gênese – FEB - tradução de Evandro Noleto Bezerra).

Para podermos verificar de uma forma mais metódica, foram elaboradas tabelas comparativas, no formato lado a lado, dos conteúdos dos textos – tanto no original e francês, como em português - que constam no referido artigo na Revista Espírita de junho de 1868, nas quatro primeiras edições de 1868 de A Gênese e dos textos que constam nas edições de 1869 e de 1872. Gostaríamos, neste ponto, de fazer um agradecimento especial aos responsáveis do site www.obrasdekardec.com.br pela elaboração dos quadros comparativos.

Deixando de lado as ínfimas diferenças existentes nas traduções efetuadas de algumas palavras que podem ser encontradas nos diferentes tradutores existentes, ou mesmo de pequenos ajustes na formação dos parágrafos, e se atendo ao conteúdo do que consta no artigo escrito por Kardec na Revista Espírita de junho de 1868, notadamente nos originais em francês, podemos constatar que os textos existentes

nos itens 13, 14 e 15 do Capítulo XIV de A Gênese de 1869/1872 são idênticos aos textos existentes no artigo da Revista Espírita.

Lembre-mo-nos que as três primeiras edições de A Gênese foram lançadas em 6 de janeiro de 1868, fevereiro de 1868 e março de 1868. E, ainda, que a quarta edição é idêntica às três primeiras. Comparando agora, o texto do artigo “Fotografia do Pensamento” com o texto existente na 5ª. Edição, constatamos os referidos itens constantes da 5ª edição de A Gênese de 1869/1872 tiveram seus conteúdos retirados na íntegra do artigo elaborado por Allan Kardec, lembrando que este foi publicado em **junho de 1868** (grifo nosso).

Acreditamos que a visualização e comparação dos textos das três obras falam por si, quando colocados um lado do outro. Principalmente, quando a comparação é feita com os originais em francês.

Quando lemos no texto do primeiro parágrafo constante da Revista Espírita de junho de 1868, a seguinte observação de Kardec - “...reproduzimos, para maior clareza, **a passagem desse capítulo onde o assunto é tratado, e o completamos por novas observações**” – e, quando, vemos essas novas observações e textos de Allan Kardec sendo levadas na íntegra para os itens 13, 14 e 15 do Capítulo XIV das 5ª edições de A Gênese de 1869 e de 1872, fica muito difícil chegar a uma conclusão diversa de que não tenha sido o próprio Allan Kardec o autor dessas alterações.

Mas, deixamos ao leitor a sua conclusão para quando verificar o nível de semelhança existente entre o texto escrito por Allan Kardec, constante no artigo da Revista Espírita de junho de 1868, e o texto da 5ª. edição de A Gênese de 1869 e de 1872.

Reiteramos os nossos agradecimentos aos pesquisadores do site www.obrasdekardec.com.br que, que através da pesquisa colaborativa, elaboraram os quadros comparativos em anexo.

Referências:

1. Revue Spirite de junho de 1869, original em francês pertencente ao acervo do museu AllanKardec.online;
2. La Genèse, les miracles et les prédictions selon le spiritisme – 1ª edição original em francês de 1868, pertencente ao acervo do museu AllanKardec.online;
3. La Genèse, les miracles et les prédictions selon le spiritisme – 5ª edição original em francês de 1868 – <https://www.allankardec.online/search?q=edi%C3%A7%C3%A3o+-+1869>

Observações: ● Sobre as cores constantes do quadro comparativo em anexo:

○ O texto em cinza é para realçar o que existia na Revista Espírita e não existe nos livros.

○ ○ Em azul, o texto das observações que foram complementadas por Allan Kardec na Revista Espírita, acrescentadas ao texto já existente em A Gênese de 1868, e que constam na íntegra das alterações dos itens 13, 14 e 15 do Capítulo XIV de A Gênese de 1869 e 1872.

o Em **laranja**, o texto modificado de A Gênese de 1868, constou na Revista Espírita de junho de 1868 e que foi levado para A Gênese de 1869 e 1872. Isto é houve supressão de conteúdo de A Gênese de 1868, inclusão de novo conteúdo na mesma posição do texto, feita por Allan Kardec, e levado para A Gênese de 1869 e 1872.

o Em **violeta**, o texto comum a todas as obras e que constam em outro item – item 19 - de A Gênese de 1869 e 1872. **Para mais informações sobre a reestruturação deste trecho do capítulo XIV, vide As Edições de A Gênese – Volume I - <https://leanpub.com/asedicoesdeagenese-volume1>**

o Em **verde**, o texto em comum entre as edições de A Gênese e que não constam da Revista Espírita.

*Action des Esprits sur les fluides.
Créations fluidiques.
Photographie de la pensée.*

Photographie de la pensée

Le phénomène de la photographie de la pensée se liant à celui des créations fluidiques, décrit dans notre livre de la Genèse au chapitre des fluides, pour plus de clarté nous reproduisons le passage de ce chapitre où ce sujet est traité, et nous le complétons par de nouvelles remarques.

13.- Les fluides spirituels, qui constituent un des états du fluide cosmique universel, sont donc l'atmosphère des êtres spirituels ; c'est l'élément où ils puisent les matériaux sur lesquels ils opèrent ; le milieu où se passent les phénomènes spéciaux, perceptibles à la vue et à l'ouïe de l'Esprit, et qui échappent aux sens charnels impressionnés par la seule matière tangible ;

c'est enfin le véhicule de la pensée, comme l'air est le véhicule du son.

14.- Les Esprits agissent sur les fluides spirituels, non en les manipulant comme les hommes manipulent les gaz, mais à l'aide de la pensée et de la volonté. La pensée et la volonté sont aux Esprits ce que la main est à l'homme. Par la pensée, ils impriment à ces fluides telle ou telle direction ; ils les agglomèrent, les combinent ou les dispersent ; ils en forment des ensembles ayant une apparence, une forme, une couleur déterminées ; ils en changent les propriétés comme un chimiste change celle des gaz ou autres corps en les

Les fluides spirituels, qui constituent un des états du fluide cosmique universel, sont, à proprement parler, l'atmosphère des êtres spirituels ; c'est l'élément où ils puisent les matériaux sur lesquels ils opèrent ; c'est le milieu où se passent les phénomènes spéciaux, perceptibles à la vue et à l'ouïe de l'Esprit, et qui échappent aux sens charnels impressionnés par la seule matière tangible, où se forme cette lumière particulière au monde spirituel, différente de la lumière ordinaire par sa cause et par ses effets ; c'est, enfin, le véhicule de la pensée comme l'air est le véhicule du son.

Les Esprits agissent sur les fluides spirituels, non en les manipulant comme les hommes manipulent les gaz, mais à l'aide de la pensée et de la volonté. La pensée et la volonté sont aux Esprits ce que la main est à l'homme. Par la pensée, ils impriment à ces fluides telle ou telle direction ; ils les agglomèrent, les combinent ou les dispersent ; ils en forment des ensembles ayant une apparence, une forme, une couleur déterminées ; ils en changent les propriétés comme un chimiste change celles des gaz ou autres corps, en les

13.- Les fluides spirituels, qui constituent un des états du fluide cosmique universel, sont, à proprement parler, l'atmosphère des êtres spirituels ; c'est l'élément où ils puisent les matériaux sur lesquels ils opèrent ; c'est le milieu où se passent les phénomènes spéciaux, perceptibles à la vue et à l'ouïe de l'Esprit, et qui échappent aux sens charnels impressionnés par la seule matière tangible ; où se forme cette lumière particulière au monde spirituel, différente de la lumière ordinaire par sa cause et par ses effets ; c'est enfin le véhicule de la pensée, comme l'air est le véhicule du son.

14.- Les Esprits agissent sur les fluides spirituels, non en les manipulant comme les hommes manipulent les gaz, mais à l'aide de la pensée et de la volonté. La pensée et la volonté sont aux Esprits ce que la main est à l'homme. Par la pensée, ils impriment à ces fluides telle ou telle direction ; ils les agglomèrent, les combinent ou les dispersent ; ils en forment des ensembles ayant une apparence, une forme, une couleur déterminées ; ils en changent les propriétés comme un chimiste change celle des gaz ou autres corps en les

La Genèse, 1^{er} édition 1868

combinant suivant certaines lois. C'est le grand atelier ou laboratoire de la vie spirituelle.

Quelquefois, ces transformations sont le résultat d'une intention ; souvent, elles sont le produit d'une pensée inconsciente ; il suffit à l'Esprit de penser à une chose pour que cette chose se produise.

C'est ainsi, par exemple, qu'un Esprit se présente à la vue d'un incarné doué de la vue **spirituelle**, sous les apparences qu'il avait de son vivant à l'époque où on l'a connu, aurait-il eu plusieurs incarnations depuis. Il se présente avec le costume, les signes extérieurs, infirmités, cicatrices, membres amputés, etc., qu'il avait alors ; un décapité se présentera avec la tête de moins. Ce n'est pas à dire qu'il ait conservé ces apparences ; non certainement, car, comme Esprit, il n'est ni boiteux, ni manchot, ni borgne, ni décapité ; mais sa *pensée* se reportant à l'époque où il était ainsi, son périsprit en prend instantanément les apparences, qu'il quitte de même instantanément

. Si donc il a été une fois nègre et une autre fois blanc, il se présentera comme nègre ou comme blanc, selon celle de ces deux incarnations sous laquelle il sera évoqué et où se reportera sa pensée.

Par un effet analogue, la pensée de l'Esprit crée fluidiquement les objets dont il avait l'habitude de se servir ; un avare maniera de l'or, un militaire aura ses armes et son uniforme, un fumeur sa pipe, un laboureur sa charrue et ses bœufs, une vieille femme sa quenouille. Ces objets fluidiques sont aussi réels pour l'Esprit,

Revue Spirite, juin 1868

combinant suivant certaines lois ; c'est le grand atelier ou laboratoire de la vie spirituelle.

Quelquefois, ces transformations sont le résultat d'une intention ; souvent, elles sont le produit d'une pensée inconsciente ; il suffit à l'Esprit de penser à une chose pour que cette chose se produise, **comme il suffit de moduler un air pour que cet air se répercute dans l'atmosphère.**

C'est ainsi, par exemple, qu'un Esprit se présente à la vue d'un incarné doué de la vue **psychique**, sous les apparences qu'il avait de son vivant à l'époque où on l'a connu, aurait-il eu plusieurs incarnations depuis. Il se présente avec le costume, les signes extérieurs, – infirmités, cicatrices, membres amputés, etc., – qu'il avait alors ; un décapité se présentera avec la tête de moins. Ce n'est pas à dire qu'il ait conservé ces apparences ; non, certainement ; car, comme Esprit, il n'est ni boiteux, ni manchot, ni borgne, ni décapité, mais, sa pensée se reportant à l'époque où il était ainsi, son périsprit en prend instantanément les apparences, qu'il quitte de même instantanément, **dès que la pensée cesse d'agir.** Si donc il a été une fois nègre et une autre fois blanc, il se présentera comme nègre ou comme blanc, selon celle de ces deux incarnations sous laquelle il sera évoqué, et où se reportera sa pensée.

Par un effet analogue, la pensée de l'Esprit crée fluidiquement les objets dont il avait l'habitude de se servir : un avare maniera de l'or ; un militaire aura ses armes et son uniforme ; un fumeur, sa pipe ; un laboureur, sa charrue et ses bœufs ; une vieille femme sa quenouille. Ces objets fluidiques sont aussi réels pour l'Esprit **qui**

La Genèse, 5^e édition 1869

combinant suivant certaines lois. C'est le grand atelier ou laboratoire de la vie spirituelle.

Quelquefois, ces transformations sont le résultat d'une intention ; souvent, elles sont le produit d'une pensée inconsciente ; il suffit à l'Esprit de penser à une chose pour que cette chose se produise, **comme il suffit de moduler un air pour que cet air se répercute dans l'atmosphère.**

C'est ainsi, par exemple, qu'un Esprit se présente à la vue d'un incarné doué de la vue **psychique**, sous les apparences qu'il avait de son vivant à l'époque où on l'a connu, aurait-il eu plusieurs incarnations depuis. Il se présente avec le costume, les signes extérieurs, – infirmités, cicatrices, membres amputés, etc., – qu'il avait alors ; un décapité se présentera avec la tête de moins. Ce n'est pas à dire qu'il ait conservé ces apparences ; non certainement, car, comme Esprit, il n'est ni boiteux, ni manchot, ni borgne, ni décapité ; mais sa *pensée* se reportant à l'époque où il était ainsi, son périsprit en prend instantanément les apparences, qu'il quitte de même instantanément **dès que la pensée cesse d'agir.** Si donc il a été une fois nègre et une autre fois blanc, il se présentera comme nègre ou comme blanc, selon celle de ces deux incarnations sous laquelle il sera évoqué et où se reportera sa pensée.

Par un effet analogue, la pensée de l'Esprit crée fluidiquement les objets dont il avait l'habitude de se servir ; un avare maniera de l'or, un militaire aura ses armes et son uniforme, un fumeur sa pipe, un laboureur sa charrue et ses boeufs, une vieille femme sa quenouille. Ces objets fluidiques sont aussi réels pour l'Esprit, **qui**

qu'ils l'étaient à l'état matériel pour l'homme vivant ; mais, par la même raison qu'ils sont créés par la pensée, leur existence est aussi fugitive que la pensée (3).

(3) *Revue spirite*, juillet 1859, page 184. - *Livre des Médiûms*, chap. VIII

[G] La pensée agissant sur les fluides comme le son agit sur l'air, ces fluides nous apportent les pensées comme l'air nous apporte le son. On peut donc dire, en toute vérité, qu'il y a dans ces fluides des ondes et des rayons de pensées, qui se croisent sans se confondre, comme il y a dans l'air des ondes et des rayons sonores.

[/G]

[Esse texto aparece na 1ª edição de A Gênese no item 19. Para mais informações sobre a reestruturação deste trecho do capítulo XIV, vide As Edições de A Gênese – Volume I]

est lui-même fluidique, qu'ils l'étaient à l'état matériel pour l'homme vivant ; mais, par la même raison qu'ils sont créés par la pensée, leur existence est aussi fugitive que la pensée.

Les fluides étant le véhicule de la pensée,

ils nous apportent la pensée comme l'air nous apporte le son. On peut donc dire, en toute vérité, qu'il y a, dans ces fluides, des ondes et des rayons de pensées, qui se croisent sans se confondre, comme il y a dans l'air des ondes et des rayons sonores.

C'est, comme on le voit, un ordre de faits tout nouveaux qui se passent en dehors du monde tangible, et constituent, si l'on peut s'exprimer ainsi, la physique et la chimie spéciales du monde invisible. Mais comme, pendant l'incarnation, le principe spirituel est uni au principe matériel, il en résulte que certains phénomènes du monde spirituel se produisent conjointement avec ceux du monde matériel, et sont inexplicables pour quiconque n'en connaît pas les lois. La connaissance de ces lois est donc aussi utile aux incarnés qu'aux désincarnés, puisque seule elle peut expliquer certains faits de la vie matérielle.

La pensée créant des images fluidiques, se reflète dans l'enveloppe périspritale comme dans une glace, ou encore comme ces images d'objets terrestres qui se réfléchissent dans les vapeurs de l'air ; elle y prend un corps et s'y photographie en quelque

est lui-même fluidique, qu'ils l'étaient à l'état matériel pour l'homme vivant ; mais, par la même raison qu'ils sont créés par la pensée, leur existence est aussi fugitive que la pensée (3).

(3) *Revue spirite*, juillet 1859, page 184. - *Livre des Médiûms*, chap. VIII.

[G] Les fluides étant le véhicule de la pensée, celle-ci agit sur les fluides comme le son agit sur l'air ; ils nous apportent la pensée comme l'air nous apporte le son. On peut donc dire, en toute vérité, qu'il y a, dans ces fluides, des ondes et des rayons de pensées, qui se croisent sans se confondre, comme il y a dans l'air des ondes et des rayons sonores.

[/G]

Il y a plus : La pensée créant des images fluidiques, elle se reflète dans l'enveloppe périspritale comme dans une glace

; elle y prend un corps et s'y photographie en quelque

sorte. Qu'un homme, par exemple, ait l'idée d'en tuer un autre, quelque impassible que soit son corps matériel, son corps fluïdique est mis en action par la pensée dont il reproduit toutes les nuances ; il exécute fluidiquement le geste, l'acte qu'il a le dessein d'accomplir ; sa pensée crée l'image de la victime, et la scène entière se peint, comme dans un tableau, telle qu'elle est dans son esprit.

C'est ainsi que les mouvements les plus secrets de l'âme se répercutent dans l'enveloppe fluïdique ; qu'une âme, incarnée ou désincarnée, peut lire dans une autre âme comme dans un livre, et voir ce qui n'est pas perceptible par les yeux du corps. Les yeux du corps voient les impressions intérieures qui se reflètent sur les traits de la figure : la colère, la joie, la tristesse ; mais l'âme voit sur les traits de l'âme les pensées qui ne se traduisent pas au-dehors.

Toutefois, d'après l'intention, le voyant peut bien pressentir l'accomplissement de l'acte qui en sera la suite, mais il ne peut déterminer le moment où il s'accomplira, ni en préciser les détails, ni même affirmer qu'il aura lieu, parce que des circonstances ultérieures peuvent modifier les plans arrêtés et changer les dispositions. Il ne peut voir ce qui n'est pas encore dans la pensée ; ce qu'il voit, c'est la préoccupation du moment, ou habituelle, de l'individu, ses désirs, ses projets, ses intentions bonnes ou mauvaises ; de là les erreurs dans les prévisions de certains voyants, lorsqu'un événement est subordonné au libre arbitre d'un homme ; ils ne peuvent qu'en pressentir la probabilité d'après la pensée qu'ils voient, mais non

sorte. Qu'un homme, par exemple, ait l'idée d'en tuer un autre, quelque impassible que soit son corps matériel, son corps fluïdique est mis en action par la pensée, dont il reproduit toutes les nuances ; il exécute fluidiquement le geste, l'acte qu'il a le dessein d'accomplir ; la pensée crée l'image de la victime, et la scène entière se peint, comme dans un tableau, telle qu'elle est dans son esprit.

C'est ainsi que les mouvements les plus secrets de l'âme se répercutent dans l'enveloppe fluïdique ; qu'une âme peut lire dans une autre âme comme dans un livre, et voir ce qui n'est pas perceptible pour les yeux du corps. [juntou parágrafos]

Toutefois, en voyant l'intention, elle peut pressentir l'accomplissement de l'acte qui en sera la suite, mais elle ne peut déterminer le moment où il s'accomplira, ni en préciser les détails, ni même affirmer qu'il aura lieu, parce que des circonstances ultérieures peuvent modifier les plans arrêtés et changer les dispositions. Elle ne peut voir ce qui n'est pas encore dans la pensée ; ce qu'elle voit, c'est la préoccupation habituelle de l'individu, ses désirs, ses projets, ses desseins bons ou mauvais.

affirmer qu'il aura lieu de telle manière et à tel moment. Le plus ou moins d'exactitude dans les prévisions dépend en outre de l'étendue et de la clarté de la vue psychique; chez certains individus, Esprits ou incarnés, elle est diffuse ou limitée à un point, tandis que chez d'autres elle est nette, et embrasse l'ensemble des pensées et des volontés devant concourir à la réalisation d'un fait ; mais par-dessus tout, il y a toujours la volonté supérieure qui peut, dans sa sagesse, permettre une révélation ou l'empêcher ; dans ce dernier cas, un voile impénétrable est jeté sur la vue psychique la plus perspicace. (Voir dans la Genèse, le chap. de la Prescience.)

La théorie des créations fluidiques, et par suite de la photographie de la pensée, est une conquête du Spiritisme moderne, et peut être désormais considérée comme acquise en principe, sauf les applications de détail qui sont le résultat de l'observation. Ce phénomène est incontestablement la source des visions fantastiques, et doit jouer un grand rôle dans certains rêves.

Nous pensons qu'on peut y trouver l'explication de la médiumnité par le verre d'eau. (Voir l'art. précédent.) Dès lors que l'objet que l'on voit ne peut être dans le verre, l'eau doit faire l'office d'une glace qui réfléchit l'image créée par la pensée de l'Esprit. Cette image peut être la reproduction d'une chose réelle, comme elle peut être celle d'une création de fantaisie. Le verre d'eau n'est, dans tous les cas, qu'un moyen de la reproduire, mais ce n'est pas le seul, ainsi que le prouve la diversité des procédés employés par quelques voyants ; celui-ci convient peut-être mieux à certaines organisations.

Ação dos Espíritos sobre os fluidos.

Criações fluídicas.

Fotografia do pensamento.

Fotografia do pensamento.

Ligando-se o fenômeno da *fotografia do pensamento* ao das criações fluídicas, descrito em nosso livro A Gênese, no capítulo dos fluidos, reproduzimos, para maior clareza, a passagem desse capítulo onde o assunto é tratado, e o completamos por novas observações.

13.- Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, são **então** a atmosfera dos seres espirituais; é o elemento de onde eles tiram os materiais sobre os quais eles operam; o meio onde ocorrem os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do Espírito, mas que escapam aos sentidos carnis, impressionáveis somente pela matéria tangível;

é, enfim, o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som.

14.- Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas pela ajuda do pensamento e da vontade. O pensamento e a vontade são para os Espíritos o que a mão é para o homem. Pelo pensamento, eles dirigem esses fluidos para essa ou aquela direção; eles os aglomeram, combinam ou dispersam; formam com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas; mudam suas propriedades como

Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, são, **propriamente ditos**, a atmosfera dos seres espirituais; é o elemento de onde eles tiram os materiais sobre os quais eles operam; **é** o meio onde ocorrem os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do Espírito, mas que escapam aos sentidos carnis, impressionáveis somente pela matéria tangível; **onde se forma certa luz particular ao mundo espiritual, diferente da luz ordinária por sua causa e por seus efeitos**; é, enfim, o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som.

Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas pela ajuda do pensamento e da vontade. O pensamento e a vontade são para os Espíritos o que a mão é para o homem. Pelo pensamento, eles dirigem esses fluidos para essa ou aquela direção; eles os aglomeram, combinam ou dispersam; formam com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas; mudam suas propriedades como

13.- Os fluidos espirituais, que constituem um dos estados do fluido cósmico universal, são, **propriamente ditos**, a atmosfera dos seres espirituais; é o elemento de onde eles tiram os materiais sobre os quais eles operam; **é** o meio onde ocorrem os fenômenos especiais, perceptíveis à visão e à audição do Espírito, mas que escapam aos sentidos carnis, impressionáveis somente pela matéria tangível; **onde se forma certa luz particular ao mundo espiritual, diferente da luz ordinária por sua causa e por seus efeitos**; é, enfim, o veículo do pensamento, como o ar é o veículo do som.

14.- Os Espíritos atuam sobre os fluidos espirituais, não os manipulando como os homens manipulam os gases, mas pela ajuda do pensamento e da vontade. O pensamento e a vontade são para os Espíritos o que a mão é para o homem. Pelo pensamento, eles dirigem esses fluidos para essa ou aquela direção; eles os aglomeram, combinam ou dispersam; formam com eles conjuntos que apresentam uma aparência, uma forma, uma coloração determinadas; mudam suas propriedades como

um químico muda as propriedades dos gases ou de outros corpos combinando-os conforme certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção, mas frequentemente elas são o produto de um pensamento inconsciente: basta o Espírito pensar em uma coisa para que esta coisa se produza.

É assim, por exemplo, que um Espírito se faz visível a um encarnado dotado da vista **espiritual**, sob as aparências que tinha de sua vida na época em que o conheceu, embora tenha tido várias encarnações depois. Apresenta-se com o traje, os sinais exteriores, enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc., que tinha na época; um decapitado irá se apresentar sem a cabeça. Isso não quer dizer que tenha conservado essas aparências, certamente não, pois como Espírito ele não é coxo, nem maneta, nem caolho, nem decapitado; mas seu *pensamento* retrocedendo à época em que era assim, seu perispírito toma instantaneamente suas aparências, que ele larga também instantaneamente

. Portanto, se uma vez ele foi negro e outra vez foi branco, ele se apresentará como branco ou negro, conforme aquela dessas duas encarnações sob a qual seja evocado e à qual dirigirá seu pensamento.

Por um efeito semelhante, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que ele esteja habituado a usar; um avarento manuseará ouro, um militar trará suas armas e seu uniforme, um

um químico muda as propriedades dos gases ou de outros corpos combinando-os conforme certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção, mas frequentemente elas são o produto de um pensamento inconsciente: basta o Espírito pensar em uma coisa para que esta coisa se produza, **como basta que modele uma melodia para que esta se repercuta na atmosfera.**

É assim, por exemplo, que um Espírito se faz visível a um encarnado dotado da vista **psíquica**, sob as aparências que tinha de sua vida na época em que o conheceu, embora tenha tido várias encarnações depois. Apresenta-se com o traje, os sinais exteriores, enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc., que tinha na época; um decapitado irá se apresentar sem a cabeça. Isso não quer dizer que tenha conservado essas aparências, certamente não, pois como Espírito ele não é coxo, nem maneta, nem caolho, nem decapitado; mas seu *pensamento* retrocedendo à época em que era assim, seu perispírito toma instantaneamente suas aparências, que ele larga também instantaneamente **logo que o pensamento cessa de agir.** Portanto, se uma vez ele foi negro e outra vez foi branco, ele se apresentará como branco ou negro, conforme aquela dessas duas encarnações sob a qual seja evocado e à qual dirigirá seu pensamento.

Por um efeito semelhante, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que ele esteja habituado a usar; um avarento manuseará ouro, um militar trará suas armas e seu uniforme, um

um químico muda as propriedades dos gases ou de outros corpos combinando-os conforme certas leis. É a grande oficina ou laboratório da vida espiritual.

Algumas vezes, essas transformações resultam de uma intenção, mas frequentemente elas são o produto de um pensamento inconsciente: basta o Espírito pensar em uma coisa para que esta coisa se produza, **como basta que modele uma melodia para que esta se repercuta na atmosfera.**

É assim, por exemplo, que um Espírito se faz visível a um encarnado dotado da vista **psíquica**, sob as aparências que tinha de sua vida na época em que o conheceu, embora tenha tido várias encarnações depois. Apresenta-se com o traje, os sinais exteriores, enfermidades, cicatrizes, membros amputados, etc., que tinha na época; um decapitado irá se apresentar sem a cabeça. Isso não quer dizer que tenha conservado essas aparências, certamente não, pois como Espírito ele não é coxo, nem maneta, nem caolho, nem decapitado; mas seu *pensamento* retrocedendo à época em que era assim, seu perispírito toma instantaneamente suas aparências, que ele larga também instantaneamente **logo que o pensamento cessa de agir.** Portanto, se uma vez ele foi negro e outra vez foi branco, ele se apresentará como branco ou negro, conforme aquela dessas duas encarnações sob a qual seja evocado e à qual dirigirá seu pensamento.

Por um efeito semelhante, o pensamento do Espírito cria fluidicamente os objetos que ele esteja habituado a usar; um avarento manuseará ouro, um militar trará suas armas e seu uniforme, um

fumante o seu cachimbo, um lavrador a sua charrua e seus bois, uma mulher velha a sua roca. Esses objetos fluídicos são tão reais para o Espírito

, quanto seriam no estado material para o homem vivo; mas, pela mesma razão de que são criados pelo pensamento, sua existência é tão passageira quanto o pensamento (3).

(3) *Revista espírita*, junho de 1859, página 184. - *Livro dos Médiuns*, cap. VIII.

[G] O pensamento age sobre os fluidos assim como o som age sobre o ar, esses fluidos nos trazem os pensamentos como o ar nos traz o som. Podemos então dizer com toda a certeza que nesses fluidos há raios e irradiações de pensamentos que se cruzam sem se confundirem, como no ar há ondas e vibrações sonoras.

[/G]

[Esse texto aparece na 1ª edição de A Gênese no item 19. Para mais informações sobre a reestruturação deste trecho do capítulo XIV, vide *As Edições de A Gênese – Volume I*]

fumante o seu cachimbo, um lavrador a sua charrua e seus bois, uma mulher velha a sua roca. Esses objetos fluídicos são tão reais para o Espírito, **que é ele mesmo fluídico**, quanto seriam no estado material para o homem vivo; mas, pela mesma razão de que são criados pelo pensamento, sua existência é tão passageira quanto o pensamento.

Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este age eles nos trazem os pensamentos como o ar nos traz o som. Podemos então dizer com toda a certeza que nesses fluidos há raios e irradiações de pensamentos que se cruzam sem se confundirem, como no ar há ondas e vibrações sonoras.

Como se vê, é uma ordem de fatos inteiramente novos, que se passam fora do mundo tangível, e constituem, se assim nos podemos exprimir, a física e a química especiais do mundo invisível. Mas como, durante a encarnação, o princípio espiritual está unido ao princípio material, daí resulta que certos fenômenos do mundo espiritual se produzem conjuntamente com os do mundo material e são inexplicáveis por quem quer que não conheça as suas leis. Assim, o conhecimento dessas leis é tão útil aos encarnados quanto aos desencarnados, pois só ele pode explicar certos fatos da vida material.

o pensamento, criando imagens fluídicas, se reflete no envoltório perispirítico, como

fumante o seu cachimbo, um lavrador a sua charrua e seus bois, uma mulher velha a sua roca. Esses objetos fluídicos são tão reais para o Espírito, **que é ele mesmo fluídico**, quanto seriam no estado material para o homem vivo; mas, pela mesma razão de que são criados pelo pensamento, sua existência é tão passageira quanto o pensamento (3).

(3) *Revista espírita*, junho de 1859, página 184. - *Livro dos Médiuns*, cap. VIII.

15.- [G] Sendo os fluidos o veículo do pensamento, este age sobre os fluidos assim como o som age sobre o ar, eles nos trazem os pensamentos como o ar nos traz o som. Podemos então dizer com toda a certeza que nesses fluidos há raios e irradiações de pensamentos que se cruzam sem se confundirem, como no ar há ondas e vibrações sonoras.

[/G]

E tem mais: o pensamento, criando imagens fluídicas, ele se reflete no envoltório perispirítico, como

num espelho; ou ainda como essas imagens de objetos terrestres que se refletem nos vapores do ar; toma corpo nele e aí de certo modo se fotografa. Quando um homem, por exemplo, tem a ideia de matar a outro, por mais impassível que seja seu corpo material, seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento, então ele reproduz todas as nuances; executa fluidicamente o gesto, o ato que tem o desejo de praticar. O pensamento cria a imagem da vítima e a cena inteira é pintada, como num quadro, tal como ela é no seu espírito.

É assim que os movimentos mais secretos da alma repercutem no envoltório fluídico; (é assim) que uma alma encarnada ou desencarnada, pode ler em outra alma como num livro e ver o que não é perceptível aos olhos do corpo. Os olhos do corpo veem as impressões interiores que se refletem nos traços do rosto: a cólera, a alegria, a tristeza; mas a alma vê nos traços da alma os pensamentos que não se traduzem no exterior.

Contudo, antevendo a intenção, o vidente bem pode pressentir a execução do ato que lhe será a consequência, mas não pode determinar o instante em que o mesmo ato será executado, nem precisar os seus detalhes, nem mesmo afirmar que ele vá acontecer, porque circunstâncias futuras poderão modificar os planos traçados e mudar as disposições. Ela não pode ver o que ainda não esteja no pensamento do outro; o que vê é a preocupação do momento, ou habitual do indivíduo, seus desejos, seus projetos, suas intenções boas ou más; Daí os erros nas previsões de certos videntes, quando um

num espelho;

toma corpo nele e aí de certo modo se fotografa. Quando um homem, por exemplo, tem a ideia de matar a outro, por mais impassível que seja seu corpo material, seu corpo fluídico é posto em ação pelo pensamento, então ele reproduz todas as nuances; executa fluidicamente o gesto, o ato que tem o desejo de praticar. O pensamento cria a imagem da vítima e a cena inteira é pintada, como num quadro, tal como ela é no seu espírito.

É assim que os movimentos mais secretos da alma repercutem no envoltório fluídico; (é assim) que uma alma

pode ler em outra alma como num livro e ver o que não é perceptível aos olhos do corpo. [juntou parágrafos]

Contudo, em vendo a intenção, ela pode pressentir a execução do ato que lhe será a consequência, mas não pode determinar o instante em que o mesmo ato será executado, nem precisar os seus detalhes, nem mesmo afirmar que ele vá acontecer, porque circunstâncias futuras poderão modificar os planos traçados e mudar as disposições. Ela não pode ver o que ainda não esteja no pensamento do outro; o que vê é a preocupação

habitual do indivíduo, seus desejos, seus projetos, seus desígnios bons ou maus.

acontecimento está subordinado ao livre-arbítrio do homem; não podem senão pressentir a sua probabilidade, conforme o pensamento que veem, mas não podem afirmar que ocorrerá de tal maneira e em tal momento. Além disso, a maior ou menor exatidão nas previsões depende da extensão e da clareza da visão psíquica; em certos indivíduos, Espíritos ou encarnados, ela é difusa ou limitada a um ponto, enquanto noutros é clara e abarca o conjunto dos pensamentos e das vontades que devem concorrer para a realização de um fato; mas, acima de tudo, há sempre a vontade superior, que pode, na sua sabedoria, permitir uma revelação ou impedi-la. Neste último caso, um véu impenetrável é lançado sobre a visão psíquica mais perspicaz. (Ver em A Gênese o capítulo da Presciência).

A teoria das criações fluídicas e, por consequência, da fotografia do pensamento, é uma conquista do Espiritismo moderno e, doravante, pode ser considerada como demonstrada em princípio, salvo as aplicações de detalhe, que resultam da observação. Esse fenômeno é, incontestavelmente, a fonte das visões fantásticas, e deve representar um grande papel em certos sonhos.

Pensamos que aí se pode encontrar a explicação da mediunidade pelo copo d'água (Vide o artigo precedente). Desde que o objeto que se vê não pode estar no copo, a água deve fazer o papel de um espelho, que reflete a imagem criada pelo pensamento do Espírito. Essa imagem pode ser a reprodução de uma coisa real, como a de uma criação de fantasia. Em todo o caso, o copo d'água não é senão um meio de a reproduzir, mas não é o único,

como o prova a diversidade dos processos empregados por alguns videntes. Este talvez convenha melhor a certas organizações.